

ESCOLA PARQUE DE BRASÍLIA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Eva Waisros Pereira
Universidade de Brasília
Lúcia Maria da Franca Rocha
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

O presente estudo versa sobre a Escola Parque de Brasília, cuja implantação deu-se no ano da inauguração da cidade, em consonância com a proposta formulada por Anísio Teixeira, no Plano Educacional da nova Capital. Segundo explicita o documento, a referida instituição integra o complexo escolar que compõe o Centro de Educação Elementar e se destina ao atendimento dos alunos nesse nível de escolarização. A análise empreendida reporta-se à gênese da Escola Parque, abrangendo o período inicial de seu funcionamento, que se situa entre 1960 e 1964. A relevância do tema decorre do caráter inovador da proposta educacional, que implica mudanças significativas da instituição escolar. Sob a influência das idéias pragmatistas de Dewey, a nova escola é concebida com funções bem mais amplas do que as da escola tradicional e se organiza como uma comunidade socialmente integrada, de modo a se constituir numa real experiência de vida. O modelo escolar adotado resgata a idéia de uma educação integral, nos moldes do Centro Carneiro Ribeiro, popularmente conhecido como Escola Parque da Bahia, primeiro centro de demonstração criado por Anísio Teixeira, em 1952, na cidade de Salvador. Ressalte-se, porém, o valor simbólico desse novo tipo de escola na Capital Federal, especialmente pelo significado de Brasília, que representava um esforço para a integração nacional, no contexto do desenvolvimentismo. Configurada como meta síntese do governo Juscelino Kubitschek, a construção da nova Capital realizou-se com base em padrões modernos de arquitetura, tornando-a uma cidade diferenciada, não-convencional. A pretensão de Anísio Teixeira, conforme expresso no aludido documento, era justamente de que o conjunto de escolas proposto para a nova Capital servisse de exemplo e demonstração para o sistema educacional do País. A sua generalização viria atender os objetivos demandados pela civilização moderna e possibilitar, assim, a elevação da comunidade humana a um novo patamar civilizatório. Segundo a visão do educador, a instituição escolar, diante das novas exigências impostas pela sociedade em desenvolvimento, deveria atender a necessidades de ensino e educação, e, ao mesmo tempo, à necessidade de vida e convívio social. Não se tratava apenas de uma escola, mas de um centro de educação comparável a uma verdadeira 'universidade infantil'. Com essa perspectiva foi concebido o Centro de Educação Elementar que se inaugurou em Brasília. Sua estrutura física compreendia um conjunto de prédios escolares destinados a abrigar um Jardim de Infância, quatro Escolas Classe e uma Escola Parque. Após o período de iniciação escolar no Jardim de Infância, para crianças de 4 a 6 anos, os alunos ingressariam na Escola Classe, destinada à educação intelectual sistemática de menores de 7 a 14 anos, e, paralelamente, complementariam a sua formação na Escola Parque, mediante participação em atividades diversificadas, com vistas ao seu desenvolvimento artístico, físico e recreativo, bem como a sua iniciação ao trabalho, perfazendo, assim, uma jornada escolar de oito horas diárias. Os desafios para pôr em prática essa proposta foram os mais diversos, a começar pela própria arquitetura escolar, bastante complexa, já que não se tratava apenas de uma escola e salas de aula, mas de um conjunto de locais diversificados, combinando aspectos da 'escola tradicional' com os da 'oficina', do 'clube' de esportes e recreio, da 'casa', do 'comércio', do 'restaurante' e do 'teatro'. A existência de espaços físicos adequados e devidamente equipados, embora fundamental, não era, por si só, suficiente para assegurar uma nova prática escolar. Tornava-se indispensável contar com a competência de professores habilitados e dispostos a se transferirem para o planalto central, a fim de participarem da experiência. Daí constituir-se em desafio de grande porte a seleção e a preparação dos professores que iriam se responsabilizar pela condução do processo educacional. O pioneirismo e entusiasmo que marcaram a atuação do corpo docente foram elementos marcantes na conduta pessoal e profissional dos professores selecionados, que se propuseram a edificar as bases do funcionamento da Escola Parque de Brasília. O lema em voga era o de aprender fazendo e refletir sobre o feito. Em face da nova concepção de educação, teve-se de repensar a gestão escolar, estruturar os programas e

definir procedimentos relativos à organização e integração das atividades, assim como desenvolver experimentação cotidiana de práticas escolares inovadoras. Para construir a história dessa instituição, buscou-se apoio na abordagem teórica das instituições educacionais, em textos de autores como Justino Magalhães, Vinão Frago, entre outros. O intuito foi compreender e explicar a existência da Escola Parque, bem como a ação dos diversos sujeitos envolvidos no processo educativo, tendo em vista apreender os elementos que conferem identidade à instituição. Registre-se, ainda, que, para a coleta de dados, recorreu-se a documentos escritos existentes, privilegiando-se o uso de fontes iconográficas e, especialmente, a história oral, a partir de entrevistas gravadas com administradores, professores e alunos pioneiros que participaram dos acontecimentos desse passado recente e sobre ele prestaram seu depoimento.

TRABALHO COMPLETO

Introdução

O presente estudo versa sobre a Escola Parque implantada em Brasília no ano de inauguração da cidade, em consonância com proposta formulada por Anísio Teixeira. A referida instituição integra o complexo escolar que compõe o Centro de Educação Elementar e se destina ao atendimento dos alunos nesse nível de escolarização.

O caráter inovador da proposta implica mudanças significativas da instituição escolar. Sob a influência das idéias pragmatistas de Dewey, a nova escola é uma comunidade socialmente integrada, de modo a proporcionar uma real experiência de vida. O modelo escolar adotado resgata a idéia de uma educação integral, nos moldes do Centro Carneiro Ribeiro, popularmente conhecido como Escola Parque da Bahia, primeiro centro de demonstração criado por Anísio Teixeira, em 1950, na cidade de Salvador. Ressalte-se, porém, o valor simbólico desse novo tipo de escola na capital federal, especialmente pelo significado de Brasília, que representava um esforço para a integração nacional no contexto do desenvolvimentismo.

A análise empreendida no presente estudo reporta-se ao período inicial de funcionamento da Escola Parque, que se situa entre 1960 a 1964. A tentativa da pesquisa é resgatar as origens dessa instituição modelar, que foi implantada na nova Capital para constituir-se em exemplo e demonstração ao sistema educacional do País (1961, p.195).

Na busca do sentido das inovações propostas para a referida instituição, valemo-nos da produção de Anísio Teixeira, especialmente a dos anos 50 e subseqüentes, para apreender as concepções que esse educador incorporou ao seu pensamento educacional, a partir da análise do processo de desenvolvimento da sociedade brasileira e do papel da educação nesse contexto. Recorreu-se, ainda, a obras de John Dewey e de alguns de seus intérpretes, tendo em vista que esse autor é uma das principais referências do educador brasileiro no que diz respeito à educação escolar. Para ele, assim como para Anísio, a educação é por excelência um método de reconstrução social (Moreira, 2002, p. 61).

Para construir a história da Escola Parque de Brasília, buscamos orientação metodológica nos escritos de Justino de Magalhães a respeito da história das instituições educativas. Segundo o autor, conhecer o processo histórico de uma instituição educativa é analisar a genealogia de sua materialidade, organização, funcionamento, quadros imagéticos, representações, práticas (1998, p.58). Com base nessa concepção, foi-nos possível trabalhar a documentação disponível e definir categorias de análise para delinear o quadro historiográfico da instituição. As categorias utilizadas referem-se ao espaço (local, edifício), tempo (calendário), currículo, professores (acesso, profissionalização, histórias de vida).

Acrescente-se, ainda, que incorporamos ao estudo análises de Vinão e Frago (1998) sobre o espaço escolar, sua distribuição, usos e funções. Para esses autores, "as escolas expressam em sua institucionalização material as teorias que as legitimam e as práticas didáticas que abrigam em seus muros" (idem, p.26).

A pesquisa encontra-se ainda em andamento. A empreitada é um caminhar difícil, pois o maior obstáculo vem sendo a localização de registros documentais sobre a instituição. A inexistência

de estudos a respeito da Escola Parque de Brasília é também um fator dificultador. Em face da exigüidade de documentação escrita, optamos pela história oral, mediante gravação e transcrição de entrevistas de professores e alunos pioneiros da instituição, que nos forneceram elementos valiosos para a reconstituição desse passado recente, do qual foram partícipes.

Um modelo para a educação primária no Brasil: a escola parque

Conforme mencionado anteriormente, a proposta da Escola Parque concebida para o sistema educacional de Brasília teve sua origem na experiência desenvolvida pelo "Centro Educacional Carneiro Ribeiro", criado por Anísio Teixeira, quando ocupava o cargo de Secretário de Educação do Estado da Bahia. Esse Centro foi construído numa das chamadas "invasões", no bairro da Liberdade, região que, à época, concentrava uma população em situação de extrema pobreza¹. No entender de Anísio, a Escola Parque era "um ensaio de solução para a educação primária" (1962, p. 25). O modelo escolar proposto não pretendia ser um mero "remédio circunstancial", mas, antes, o passo inicial para a solução do problema da educação primária no País, que demandava mudança estrutural, de modo a atender os objetivos de uma nova sociedade, que se formava em decorrência do acelerado desenvolvimento econômico. Tal posição tem como pressuposto ser a escola primária uma instituição fundamental para a sociedade em fase de transformação (1959, p.80)².

Em meados de 1957, Anísio Teixeira, já no exercício do cargo de Diretor do INEP, teve a incumbência de elaborar o plano educacional de Brasília, para o qual retoma a proposta de Escola Parque implantada em Salvador e propõe a sua generalização para o sistema educacional da nova Capital. O referido plano, elaborado sob o título "Plano de Construções Escolares de Brasília" (1961, p.195-198), foi submetido ao Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, que o aprovou e encaminhou à Comissão Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) para execução.

Aspecto relevante a destacar é que a adoção dessa proposta far-se-ia num contexto bastante diverso daquele em que se desenvolvera a primeira experiência. Brasília, cidade-jardim cuidadosamente planejada por conceituados urbanistas e arquitetos brasileiros, emergia como a mais moderna capital, reconhecida internacionalmente como a expressão contemporânea da criação técnica e artística do País.

A estrutura da cidade compreendia uma seqüência de grandes quadras, densamente arborizadas, nas quais seriam edificados os blocos residenciais dispostos de maneira variada. O tráfego de veículos e trânsito de pedestres não se entrecruzariam, com especial atenção ao acesso seguro à escola primária. Cada quadra abrangia uma área de aproximadamente 65 mil metros quadrados, dos quais 11 mil seriam áreas construídas (11 edifícios de seis pavimentos) e os mais de 54 mil restantes reservadas à arborização, jardins, piscinas, passeios entre os edifícios (Campos, 1990, p.154). Registre-se, ainda, que o plano urbanístico de Brasília já definira tanto a localização das escolas, quanto a utilização de outros espaços públicos. Assim, as escolas primárias seriam edificadas no interior das quadras, de modo que as crianças não tivessem de deslocar-se por longos trajetos para atingi-las.

Para o cálculo da população escolarizável, considerou-se que cada quadra abrigaria uma população variável de 2.500 a 3.000 habitantes. Com base nesses dados, o plano elaborado por Anísio estabelece o seguinte:

1. Para cada quadra:
 - a) 1 jardim de infância com 4 salas, para, em dois turnos de funcionamento, atender a 160 crianças;
 - b) 1 escola-classe, com 8 salas, para, em dois turnos, atender a 480 alunos (16 turmas de 30 alunos)
2. Para cada grupo de 4 quadras:

¹ Anísio Teixeira considerava aquela região ideal para implantar a experiência, uma vez que revelaria aos seus habitantes a importância da educação para a solução de seus problemas de vida e pobreza (1967, p. 251).

² Educação e sociedade, para Anísio Teixeira, mantém uma estreita relação "(...) são dois processos fundamentais da vida que mutuamente se influenciam" (1975, p.84). Assim, ao proceder a análise da instituição escolar, esta, necessariamente, toma como referência a análise da sociedade, e quando ocorrem mudanças na sociedade, a educação deve adaptar-se às novas condições sociais. Quando isso não ocorre, a educação "perde sua função de instrumento de controle e desenvolvimento adequado da própria sociedade" (1969, p.286).

(a) 1 escola-parque, destinada a atender, em 2 turnos, a cerca de 2000 alunos de 4 escolas-classe, em atividades de iniciação para o trabalho (para alunos de 7 a 14 anos), nas pequenas "oficinas de artes industriais" (tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cartonagem, costura, bordado e trabalhos em couro, lã, madeira, metal, etc.), além da participação dirigida dos alunos de 7 a 14 anos em atividades artísticas, sociais e de recreação (música, dança, teatro, pintura, exposições, grêmios, educação física).

Esse conjunto de edifícios comporia o Centro de Educação Elementar, que abarcaria diferentes funções e objetivos, com vistas a atender a necessidades específicas de ensino e educação, assim como a necessidade de vida e convívio social. Anísio o compara a "algo como se fosse uma universidade infantil". (1961, p.195)

Sob a influência das idéias pragmatistas de John Dewey, o modelo educacional proposto por Anísio Teixeira visa integrar toda a população no contexto da sociedade moderna. O pressuposto é que as necessidades sociais geradas pela modernização acelerada cada vez mais impõem obrigações à escola, aumentando-lhe atribuições e funções, razão pela qual a escola não poderia ser meramente de instrução, mas deveria oferecer à criança oportunidades completas de vida, o que compreendia atividades de estudo, de trabalho, de vida social e de recreação e jogos (1962, p. 24).

Tendo em vista o desenvolvimento desse programa abrangente, o plano educacional estabelece, ainda, que os alunos frequentem diariamente a "escola-parque" e a "escola-classe", em turnos diferentes, passando quatro horas nas classes de educação intelectual e outras quatro nas atividades da escola parque, com intervalo de almoço. Nessas condições, a educação elementar associa o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a auto- educação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isto, o horário escolar se estende por oito horas, divididas entre as atividades de estudo e as de trabalho, de arte e de convivência social. (Teixeira, 1961, p.197).

Ao formular o novo modelo escolar, Anísio parte da crítica à escola tradicional, que, pelo seu caráter meramente intelectualista e propedêutico, considera inadequada à formação de cidadãos para a sociedade industrial moderna. Segundo argumenta o educador, a escola, assim constituída, torna-se ineficiente e seletiva, não cumprindo o papel que lhe cabe de promover a educação comum, para todos, fator indispensável para que cada cidadão se integre nessa nova sociedade, altamente racionalizada e mecanizada. Argumenta, ainda, que, com a expansão desordenada de matrículas, a escola primária viu-se reduzida em tempo e em objetivos educacionais, o que contribuiu para intensificar o processo seletivo da escola - um dos mais graves mecanismos de exclusão social (1957, p.4).

Do plano à ação

A Escola Parque de Brasília, objeto do presente estudo, situa-se na entrequadra 307/308 Sul, no Plano Piloto. O seu projeto arquitetônico é de autoria do arquiteto José Reis, integrante da equipe de Oscar Niemayer, e foi concebido com base no ordenamento urbanístico do Plano Piloto, proposto por Lúcio Costa (1984). O princípio básico da organização da cidade é o das "Unidades de Vizinhança", formadas pelo agrupamento de superquadras, de quatro em quatro, e compreendem, além dos blocos residenciais, todos os equipamentos necessários para a vida em comunidade: o comércio local, a igreja, o clube, o cinema, a biblioteca, o posto de saúde, a delegacia de polícia, correios e outras facilidades colocadas à disposição dos seus habitantes. Contam, ainda, no interior de cada quadra, com um jardim de infância e uma escola classe, e com uma escola parque, na entrequadra, compondo o complexo educacional local. Cabe assinalar que a "Unidade de Vizinhança" em que se localiza a Escola Parque reúne o conjunto das superquadras 107, 108, 307 e 308 foi a primeira a ser construída, e, até a atualidade, é a única completa, na Capital Federal.

A Escola Parque ocupa uma área de 20.544 m², com um conjunto arquitetônico de três edificações: o bloco principal, conhecido como o Pavilhão de Salas de Aula, o bloco do Auditório e o das Oficinas. O Pavilhão de Salas de Aula destaca-se por características próprias do modernismo arquitetônico: sua forma geometricamente leve, apresentando-se sobre pilotis e grandes vãos, cobertura plana. Os amplos espaços definidos pelos pilotis passaram a ser usados como pátio coberto pelas crianças e circulação de alunos e funcionários entre os três blocos. O Pavilhão de Salas de Aula ocupa uma área de 2500 m² de projeção, e abriga a administração da escola, os módulos principais de

banheiros, um grande refeitório, além de espaços destinados a outras funções. O pavimento superior, salas-ambiente para as aulas de artes plásticas, música e outras atividades, além da biblioteca. O bloco do Auditório e o das Oficinas complementam o conjunto, com edificações térreas, de linhas retas e sóbrias. O bloco das Oficinas ocupa uma área de 765 m² de projeção, abrigando dois grandes salões, destinados a oficinas, laboratórios e depósito. Já o bloco do auditório mede cerca de 1000 m² e contém *foyer* ajardinado, palco, platéia, coxias e serviços complementares. Na parte externa, totalmente ajardinada, encontra-se a área esportiva, com piscina semi-olímpica e quadras de esporte. Há ainda, junto à área esportiva, um pequeno bloco semi-enterrado com 220m², para vestiários; lavanderia e casa de máquinas da piscina.

A distribuição do espaço escolar é uma clara referência às inovações da proposta pedagógica. Como assinalam Frago e Escolano, "o espaço educativo (reflete) as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos mais técnicos" (1998, p. 26).

Na concretização das obras não deixou, porém, de haver polêmicas e dificuldades. Entre elas, Silva (1999, p.240) cita, por exemplo, a demora do Departamento de Arquitetura da NOVACAP na elaboração dos diversos projetos de escolas, bem como problemas que, na administração, teve de contornar para assegurar a liberação de verbas. (idem, p. 227).

Com a proximidade da data da inauguração de Brasília, tornava-se urgente a conclusão das obras, tendo em vista o compromisso assumido pelo governo brasileiro de assegurar o funcionamento das novas escolas, para atender o primeiro escalão da mudança. Nesse sentido, instituiu-se, em 1959, junto ao Ministério da Educação e Cultura, a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB), com a finalidade de organizar e administrar o ensino primário e o ensino médio em Brasília.

No que concerne ao ensino elementar, uma das primeiras iniciativas da CASEB foi propor ajustes no plano original, mormente o de estender o modelo escolar proposto por Anísio Teixeira para todo o Distrito Federal - o Plano Piloto e as Cidades Satélites. Cumpre lembrar que, ao formular o plano educacional de Brasília, em 1957, o educador pautou-se pelo projeto arquitetônico da cidade, que previa uma população de 500 mil habitantes, moradores, todos eles, independentemente do nível sócio-econômico, nas superquadras do Plano Piloto. A pretensão era que as famílias de um deputado, de um funcionário público e de um operário residissem nas mesmas superquadras do Plano Piloto e, assim, pudessem conviver democraticamente. A proposta não se efetivou. A maioria da população, constituída de trabalhadores que vieram ao Planalto Central em busca de trabalho e melhores condições de vida, foi colocada à margem do desenvolvimento urbano e passaram a residir em cidades satélites, especialmente criadas para esse fim. Essas cidades periféricas, também chamadas de "cidades-dormitório", acabaram por formar um cinturão de pobreza ao redor do Plano Piloto.

Uma possível explicação pode ser buscada na contradição entre a concepção do planejamento urbanístico e a realidade. Essa questão é bem colocada por Moreira (1998) ao afirmar que

Brasília buscava atenuar e até mesmo liquidar as desigualdades de acesso aos bens e serviços da sociedade industrial (...) se baseava em princípios mais justos e anunciava novas formas de convivência coletiva (p.108). Mas ao surgir como uma cidade de burocratas negou de imediato a cidadania aos candangos, seus construtores. Estes não podiam residir no Plano Piloto e a NOVACAP acabou criando as cidades satélites para abrigar os trabalhadores da construção civil que se concentravam nos canteiros de obras do Planalto Central. A idéia subjacente á criação das cidades satélites era impedir que os obreiros se instalassem no perímetro urbano (p.104-106).

Tais circunstâncias, obviamente, iriam comprometer a observância de um dos princípios básicos do plano educacional, qual seja, o de concentrar as crianças de todas as classes sociais na mesma escola. O distanciamento entre os locais de moradia tornou-se fator determinante na composição social da clientela escolar.

Em face dos preparativos para a inauguração da Capital, a CASEB, em contato com os arquitetos das equipes de Lúcio Costa e Oscar Niemayer, procedeu à localização de escolas e à organização de projetos de construção e equipamento escolar. Naquele momento, duas questões fizeram-se urgentes: a previsão do número de alunos a serem atendidos e a seleção de professores. Em

relação ao primeiro quesito, os administradores do sistema houveram por bem encaminhar, antecipadamente, aos funcionários públicos a serem transferidos para Brasília, fichas para a pré-matrícula dos seus filhos, cujo preenchimento tornou possível uma estimativa da clientela. No que tange à seleção de professores, foi deliberada a realização de Concurso Público, de âmbito nacional, para prover as escolas de docentes habilitados e dispostos a deixar a sua localidade de origem para participar dos novos tipos de escola propostos para Brasília. Apesar dos percalços e do atraso na conclusão de algumas obras, as novas escolas iniciaram o seu funcionamento no prazo previsto, compondo o moderno sistema educacional da Capital Federal.

Afinal, a Escola Parque em atividade...

A Escola Parque da 307/308 Sul, embora tivesse sido entregue à população no dia da inauguração da cidade, em 21 de abril de 1960, somente começou a funcionar no dia 16 de maio, data estabelecida para o início do ano letivo nas escolas públicas de Brasília. No primeiro dia de aula, realizou-se, em seu auditório, uma reunião com todos os alunos matriculados, tendo em vista a sua distribuição pelas escolas primárias. Embora se buscasse situar os alunos nas escolas mais próximas de sua residência, nem todos os pedidos de matrícula indicavam o local de moradia. Os alunos que reservaram matrícula para as novas escolas primárias foram encaminhados para as três escolas classes já concluídas, que se localizavam, respectivamente, nas superquadras 108, 206 e 308 Sul (DF/SEC, 1984, p. 65). Naquela oportunidade, professores e alunos vindos de todo o Brasil encontraram-se pela primeira vez. Ao referir-se a esse fato, o Professor Armando Hildebrand, Diretor-Executivo da CASEB, assim se expressou:

(...) os alunos se encontravam, davam as mãos, se abraçavam (...) Foi realmente uma cerimônia tocante. E daí cada professora saía com sua turma, se destinando àquelas 3 ou 4 escolas 106, 208, 108. Foram para sua escola, a Diretora também, já estava tudo organizado e começou o trabalho. Foi bonito esse dia, foi bonito. (idem, p.66)

Ao iniciar as suas atividades, em 1960, a Escola Parque contava apenas com 270 alunos da 4ª série das Escolas Classe 108 e 308 Sul. Em 1961, esse atendimento ampliou-se para os alunos da 1ª à 5ª séries matriculados nas Escolas Classe 107, 108 e 308 Sul e, em 1962, somaram-se a essa clientela os alunos da Escola-Classe 106 Sul, perfazendo um total de 1.492 alunos (Soyer e Leal, s/d, p.16).

A composição social do alunado era, basicamente, de classe média alta, havendo um número muito reduzido de crianças provenientes das classes populares. Conforme salientou a Profª Branca Rabello, quando entrevistada³, a escola parque estava localizada num local privilegiado, uma quadra do Plano Piloto onde residiam famílias de nível social elevado: deputados, senadores, altos funcionários da burocracia estatal, executivos, cujos filhos eram alunos da instituição. A parcela insignificante de filhos de operários que tinha acesso à Escola Parque provinha dos acampamentos instalados nas quadras ainda em construção, o que configurava uma permanência transitória desses alunos na referida escola. Esse fato, sem dúvida a diferencia radicalmente da Escola Parque de Salvador, organizada para atender a população de baixa renda. No caso de Brasília, a escola pública, que deveria ser modelo para o País como uma instituição democrática, aberta a todas as classes sociais, circunstancialmente desfigurou-se, voltando-se para a elite. Tanto assim que, conforme esclareceu a referida professora no decorrer da entrevista, a Escola Parque⁴, para atender os interesses dos alunos, passou a dar maior ênfase ao setor de humanidades, embora o setor de artes industriais não ficasse "absolutamente abandonado".

A estrutura administrativa definida para a Escola Parque compreendia uma diretoria, formada pelo diretor, vice-diretor e assistentes, uma secretaria, e os diferentes setores responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho pedagógico: Educação Física, Artes Industriais, Artes Plásticas, Artes

³ Entrevista da Profª Branca Rabello, coordenadora do setor de biblioteca da Escola Parque, datada de 24/06/2004.

⁴ Segundo a professora entrevistada, essa medida teria sido adotada com a aquiescência de Anísio Teixeira.

Cênicas, Educação Musical e Biblioteca. Cada um desses setores possuía um coordenador, escolhido pelo diretor, via de regra, de comum acordo com os pares.

A preocupação com o planejamento parece ter sido constante, especialmente porque se tratava de construir algo novo no campo da educação. Tratava-se agora de tomar decisões sobre como funcionar e desenvolver a experiência. A dinâmica adotada para o planejamento envolveu um trabalho conjunto da administração do sistema educacional, das equipes de direção e técnica das escolas envolvidas e dos professores especializados da Escola Parque. Afora as reuniões internas, a diretora da Escola Parque reunia-se periodicamente com as diretoras das Escolas Classe, com a participação das orientadoras e coordenadores das escolas envolvidas, tendo em vista realizar o planejamento integrado. Segundo a referida professora, Anísio Teixeira esteve na Escola Parque algumas vezes e dava orientação “à cúpula”, ou seja, à diretora da escola, à coordenadora do ensino elementar e a seus assessores.

Os professores foram selecionados no concurso público promovido pela CASEB e eram, em sua maioria, ainda jovens. O primeiro grupo de docentes chegou a Brasília em 1960 e foi encaminhado para as escolas primárias organizadas pela NOVACAP, até a inauguração da Escola Parque, para onde foram removidos. O critério prevalente para a remoção dizia respeito à formação do professor, que, além da habilitação no curso normal, deveria ter especialização na respectiva área. Convém assinalar que a preferência pelo professor especialista, em vez do generalista, já era posição assumida por Dewey. Segundo afirma Tanner citado por Moreira (2002), “Dewey não tinha ilusão de que um professor sem conhecimento especializado em um dado campo pudesse desenvolver conceitos e atitudes positivas das matérias” (p.100).

Os professores da Escola Parque haviam-se qualificado em diferentes cursos de especialização, como o de artes industriais, promovido pelo INEP e o SENAI, o de arte-educação, mantido pela Escola de Artes do Brasil, sem que, na maioria das vezes, em seus Estados de origem, tivessem tido oportunidade para atuar no campo específico de sua formação. Essa, talvez, tenha sido uma das razões pela qual abraçaram, com entusiasmo e idealismo, a nova oportunidade profissional. Registre-se, ainda, que muitos professores realizaram estágio na Escola Parque de Salvador, oportunidade em que puderam se familiarizar com a filosofia e a prática educativa daquela instituição.

Cabe assinalar a preocupação com o constante aperfeiçoamento profissional dos professores, muitos dos quais fizeram jus a bolsas de estudo e a participação em cursos especialmente voltados para o aprofundamento dos princípios básicos da filosofia da educação, de metodologia de ensino e de psicologia infantil, entre outros conteúdos (Soyer e Leal, s/d, p.15). A orientação técnica aos professores induzia à utilização de novos métodos de ensino, visando à atividade e à participação do aluno, à experimentação, bem como estimulava a produção e utilização de materiais de aprendizagem. Contudo, na percepção de Anísio Teixeira, “as condições de trabalho na escola parque iriam facilitar sobretudo a aplicação dos melhores princípios da educação moderna” (1967, p. 252).

Um currículo “de participação”

A estrutura material de que dispunha a Escola Parque aliada à competência profissional dos seus professores criaram as condições necessárias para o desenvolvimento de um currículo “de participação”. O corpo de alunos que compunha a clientela escolar das quatro escolas-classe estava matriculado na Escola Parque, lá permanecendo a metade do tempo do período escolar completo, de 8 horas. Assim, os alunos que freqüentavam a Escola Classe pela manhã iam à Escola Parque à tarde, e vice-versa. Enquanto na Escola Classe, organizada nos moldes da escola convencional, os alunos eram distribuídos nas salas de aula, de acordo com o grau de escolaridade, a Escola Parque agrupava-os de acordo com a idade e tipo de aptidões, tendo em vista propiciar-lhes experiências educativas diversificadas, no campo do trabalho, das artes, de educação física, da biblioteca, etc. Desse modo, a convivência social do aluno dava-se tanto com o seu grupo da Escola Classe quanto com os outros grupos com os quais se relacionava na Escola Parque.

Dois aspectos são nucleares nessa modalidade de organização escolar: o primeiro diz respeito à jornada escolar de tempo integral, que, para Anísio, é condição “para se fazer uma escola de formação de hábitos (e não de adestramento para passar em exames)”. Segundo o educador, é preciso “tempo” para formar “hábitos de vida, de comportamento, de trabalho e de julgamento moral e intelectual” (1957, p.5). O segundo aspecto refere-se a um currículo “de participação”, uma vez que a

própria instituição organiza-se “em termos de escola-comunidade” (idem, p.6), cujo desenvolvimento torna necessário que haja material de ensino com abundância e trabalho de professores preparados de forma acentuadamente profissional (idem).

A Escola Parque atendia a essas exigências: havia professores de tempo integral e alunos de tempo integral, que cumpriam uma jornada de 8 horas diárias de trabalho e estudos, apenas interrompida para o almoço. Conforme atestam alunos entrevistados, a competência profissional dos docentes era inconteste, e as condições de trabalho bastante satisfatórias: dispunha-se de salas e oficinas amplas e equipadas para as diferentes atividades, com mobiliário adequado para os trabalhos em grupo, espaços e locais próprios para a prática de esportes, e materiais em abundância.

O aluno era o centro do processo educativo. Cabia a ele definir, de acordo com suas preferências e aptidões, as atividades das quais gostaria de participar. A cada semestre, escolhia duas atividades, entre as oferecidas pelas diferentes áreas, e dedicava a cada uma delas duas horas diárias. Exemplificando, relata uma ex-aluna⁵ em seu depoimento: “Eu fiz num semestre tecelagem e cerâmica, no outro dança moderna e desenho”. O interesse era o móbil da atividade educativa.

A participação do aluno nas atividades programadas dava-se do planejamento à execução. Em geral, as produções eram coletivas e monitoradas pelos professores, embora a elaboração final fosse, na maior parte das vezes, individualizada. A ênfase era dada, sobretudo, à criatividade do aluno. A par do sentido democrático, essas atividades ensejavam a formação de hábitos de auto-direção e de cooperação social. Observe-se, nesse particular, que o princípio de organização cooperativa servia tanto aos professores como aos alunos, a partir da premissa de que não se poderia exigir dos alunos aquilo que os próprios professores não conseguissem realizar. Colocações feitas por Moreira (2002, p. 102) nesse sentido aplicam-se ao caso da Escola Parque:

(...) se os professores deveriam proporcionar aos alunos experiências que os levassem a desenvolver hábitos de responsável auto-direção e de cooperação social, eles mesmos tinham que trabalhar dentro de uma linha participativa e cooperativa (idem, p.102).

Essa era uma prática usual na Escola Parque. Os professores reuniam-se semanalmente, em equipes, por área de atuação, com a presença dos respectivos coordenadores, para planejamento das atividades, estudo e troca de experiências. Dispunham, ainda, de duas horas diárias para a preparação das aulas. Desse modo, buscava-se evitar, por um lado, a improvisação permanente, e, por outro, a mera conformação a fins e métodos previamente estabelecidos. Os docentes gozavam de liberdade intelectual para, com responsabilidade, propor, criar e realizar experiências educativas. Os professores mais experientes eram estimulados a auxiliar os iniciantes num trabalho cooperativo. Prevalencia, no ambiente escolar, um sentimento de fraternidade, de solidariedade, que era típico entre a população naqueles tempos. O depoimento da Prof^a Alayde Dourado testemunha que havia entre os professores relações amistosas e o momento era propício a realizações:

Era um tempo maravilhoso. O que movia a gente era a esperança. A gente tinha uma força, uma alegria, aquela época do Juscelino, todo mundo se dava, cada um trabalhava mais do que o outro, numa esperança de construir uma coisa boa. Fizemos uma coisa boa! (Entrevista de 27/12/2005)

A movimentação era intensa; os alunos ora se dirigiam à Escola Classe, ora à Escola Parque, às vezes em direção às oficinas de artes industriais⁶ e de lá para a biblioteca ou para a sala de artes plásticas, da sala de música para a piscina ou para o judô. Enfim, estavam em permanente atividade. No entanto, como disse uma professora entrevistada, “eles moravam na quadra, estudavam na mesma quadra, a escola parque era próxima, ficava tudo mais fácil.”⁷

⁵ Entrevista de Cláudia Pereira, ex-aluna da Escola Parque, concedida em 08/12/2005.

⁶ Dada a natureza das atividades, somente alunos de 3^a, 4^a e 5^a série frequentavam as oficinas.

⁷ Entrevista da Prof^a Dalva Baptista Obliziner, da área de artes industriais, datada de 24/06/2003.

A integração das atividades entre as duas instituições criava condições para o aluno dedicar-se integralmente ao programa. Pelo fato de estudarem em dois turnos, o aluno da escola classe não levava dever para casa. Como muitas matérias eram desenvolvidas na Escola Parque, sobrava tempo para fazer o dever na própria escola. As pesquisas eram realizadas na biblioteca da Escola Parque, sob a orientação de professores especializados, assim como o trabalho de leitura. O setor de literatura contava com uma biblioteca e várias salas de aula. A biblioteca era a base para o desenvolvimento do trabalho de literatura. As crianças liam, depois desenvolviam atividades como: interpretação, discussão, diálogos, dramatização, ilustração e recriação do texto. Havia uma área grande, sem divisórias, onde os alunos faziam apresentações teatrais. A professora-bibliotecária Neuza Dourado Freire, ao referir-se às atividades de literatura da Escola Parque, assim se pronunciou:

Dávamos vida à leitura, a criança não era obrigada a ler o livro, a fazer uma ficha de leitura, mas era despertada, motivada para fazê-lo. O objetivo era despertar-lhe o gosto pela leitura e, para isso, desenvolvia-se uma dinâmica (...).
(Entrevista 01/06/2004)

Havia uma programação conjunta das duas instituições para desenvolver atividades curriculares integradas. Assim, se os alunos da escola classe estudassem a abolição da escravatura, o enriquecimento do tema era feito na escola parque, com o envolvimento dos diversos setores: no setor de música, entoavam-se músicas cantadas pelos escravos, conhecia-se a sua religião; na biblioteca, realizava-se pesquisa orientada, mediante questionários que os alunos traziam da escola classe; em artes cênicas, fazia-se a dramatização; em artes plásticas, pinturas e em educação física, danças típicas.

A Escola Parque era referência forte na comunidade. As exposições anuais dos trabalhos produzidos pelos alunos eram abertas ao público; outros eventos, como os jogos da primavera, eram apreciados pela população. A cidade, ainda com enormes vazios, praticamente sem opções de lazer, passou a utilizar o auditório da escola para shows, teatro, cinema, palestras, que aos poucos tornaram a instituição o centro cultural de Brasília.

Sem dúvida, a instituição desempenhou importante papel na formação dos alunos, muitos dos quais descobriram a sua vocação a partir das experiências educativas que vivenciaram na Escola Parque e, posteriormente, na vida adulta, destacaram-se como pessoas humanas, cidadãos e profissionais competentes nos diversos campos de atuação. A efetividade da ação pedagógica pode ser dimensionada pela fala de uma ex-aluna⁸, transcrita a seguir:

É uma experiência inesquecível. Acho que até hoje, tudo o que eu sou devo à escola parque: essa capacidade de ver o todo, de enxergar o conjunto das coisas, a compreensão de que é necessário conciliar o saber formal com o conhecimento mais amplo da vida, das relações, das artes, que complementam e fazem o ser humano mais completo e mais amplo.
(Entrevista de 08/12/2005)

Mudanças de rumos: a integridade do programa ameaçada

Em 1961, já se reclamava a construção de uma segunda escola parque em Brasília, de modo a possibilitar o funcionamento de mais um Centro de Educação Primária. Essa demanda consta do relatório da Escola Parque daquele ano, sem que quaisquer iniciativas do setor público tivessem sido adotadas no sentido de atender os reclamos. Esvaia-se o entusiasmo que marcou o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, e as obras públicas ficaram praticamente paralisadas em Brasília durante o governo Jânio Quadros. Somando-se a isso, havia também oposição de natureza conceitual e filosófica ao plano proposto por Anísio Teixeira. Um dos seus principais assessores, Prof. Paulo de Almeida Campos, então Coordenador do Ensino Primário, da CASEB, afastou-se da função, em maio de 1960, para retornar ao INEP, possivelmente em razão dos obstáculos à execução do plano. Silva (1999) relata a batalha que desencadeou, no Conselho Diretor da Fundação Educacional do

⁸ Entrevista de Cláudia Pereira, já citada.

Distrito Federal⁹, com vistas à manutenção do plano e da preservação dos ideais que vigoraram durante a construção da cidade, mas que, segundo explicita, não encontraram eco entre os pares nem conseguiram ressonância junto às autoridades (idem, p. 224).

As dificuldades, porém, não foram contornadas. Em 1962, foram introduzidas as primeiras mudanças no funcionamento da Escola Parque, quais sejam: redução do período de permanência dos alunos na instituição, para 2 horas, e redução da jornada de trabalho do professor, para 6 horas, sob a justificativa de que essa medida possibilitou a incorporação de mais uma escola classe (106 Sul) sem aumentar o número de professores (Soyer e Leal, s/d, p. 16). A situação agravou-se com a expansão de matrículas registrada nos anos subsequentes, passando a Escola Parque a atender uma demanda de alunos de maior número de escolas classe, em dias alternados, o que certamente desfigurou a proposta original. Ao pronunciar-se a respeito, Anísio Teixeira é taxativo:

O próprio plano de Brasília não está funcionando em condições adequadas. O crescimento da matrícula já começa a por em perigo o programa em sua integridade e a instaurar a escola de tempo parcial e semiparcial (1962, p.30).

Essa situação consolidou-se. Das vinte e oito escolas parque, previstas inicialmente, apenas cinco foram construídas, e atendem, atualmente, a quase totalidade do universo das escolas públicas do Plano Piloto, onde estão matriculados tanto alunos residentes no Plano Piloto como nas cidades satélites. Cada uma dessas escolas recebe, em média, alunos de sete escolas classe, uma ou duas vezes por semana (IPHAN, 2003, p.3). Não obstante a riqueza das aprendizagens propiciadas no ambiente da escola parque, o critério da quantidade mais uma vez prevaleceu sobre o da qualidade.

Considerações finais

Neste estudo, embora ainda de caráter preliminar, reaparecem algumas questões polêmicas que marcaram a história da educação brasileira no decorrer do século XX, especialmente a partir dos anos 30, em decorrência do movimento dos educadores pela reconstrução educacional no Brasil. O ressurgimento de temas como: educação integral e educação parcial, educação intelectual e educação manual, educação para o lazer e educação para o trabalho, configura-se da maior importância, dada a sua atualidade e a conveniência de considerá-los para as definições das políticas públicas do País.

A experiência de educação integral implantada em Brasília alinha-se ao rol de outras tentativas levadas a efeito, muitas vezes por iniciativa dos mesmos protagonistas, visando a ruptura com a tradição, que vem mantendo a educação como privilégio, e que busca conservá-lo, ainda hoje, com uma educação expandida, mas de baixa qualidade para a maioria da população. Reafirma-se, nessa experiência, o compromisso da educação com o desenvolvimento. O modelo escolar proposto ao País, concebido para a educação comum de todos os brasileiros, teve em vista adequar a escola às exigências da complexa sociedade industrial e tecnológica em que se insere, a fim de dotar o indivíduo de condições de integrar-se criticamente à sociedade, tornando-o apto a participar das atividades correntes e preparado para viver como cidadão no Estado democrático moderno.

Como exposto no texto, a experiência não teve continuidade nos termos propostos, por razões de natureza ideológica, e, principalmente, por razões de ordem econômica. Assim, os objetivos da Escola Parque foram reduzidos, como também a generalização desse tipo de instituição no âmbito da nova Capital não se consumou. É mister, porém, indagar-se em que medida a apatia, o descaso, o desconhecimento, enfim, a falta de prioridade da educação nas políticas públicas não foram fatores determinantes para as mudanças no traçado inicial da Escola Parque.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Cultura. IPHAN. (2003). Projeto Escolas Parque como Patrimônio Cultural da Educação Brasileira. Brasília (mimeo).

⁹ A Fundação Educacional do Distrito Federal é órgão responsável pela administração do ensino primário e médio da Capital Federal.

- CAMPOS, Paulo de A. (1990) *Temas e teimas em educação*. Rio de Janeiro: Imprensa Universitária, UFF.
- COSTA, Lúcio. (1984). Memorial descritivo do plano piloto. In: *A origem do sistema educacional de Brasília*. Projeto de Arquivo da Memória da Educação em Brasília. Brasília: GDF-SEC-DEPLAN.
- FRAGO, Antonio Vinão, ESCOLANO, Agustín (1998). *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A.
- MOREIRA, Vânia Losada (1998). *Brasília: a construção da nacionalidade – um meio paara muitos fins (1956-1961)*. Vitória: EDUFES.
- MOREIRA, Carlos Otávio Fiúza. (2002). *Entre o indivívuo e a sociedade: um estudo da filosofia da educação de John Dewey*. Bragança Paulista: EDUSF (Coleção Estudos CDAPH. Série historiografia).
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação. (1984). *A origem do sistema educacional de Brasília*. Projeto de arquivo da Memória da Educação em Brasília. Brasília: Departamento de Planejamento Educacional.
- SILVA, Ernesto. (1999). *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. 4ed. Brasília: Linha Gráfica Editora.
- SOYER, Santa Alves e LEAL, Edna Batista Spinola. (s/d). *A educação primária no Distrito Federal*. (mimeo)
- TEIXEIRA, Anísio. (1957). A Escola brasileira e a estabilidade social. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 38 (67): 3-29, jul./set.
- _____. (1959). Centro Educacional Carneiro Ribeiro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 31 (73): 78:84, jan./mar.
- _____. (1961). Plano de Construções Escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 35 (81): 195:199, jan./mar.
- _____. (1962). Uma experiência de educação primária integral no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 38 (87): 21-33, jul./set.
- _____. (1967). A Escola Parque da Bahia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 47 (106): 246-253, abr./jun.
- _____. (1969). *Educação no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional.
- _____. (1975). *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.